

Ficheiros Secretos: histórias verídicas e notas soltas da minha relação com o Japão e os japoneses

Inês Carvalho Matos

## Parte VI – O rebuçado de gengibre

Quando eu tinha uns 10 ou 11 anos costumava acompanhar o meu pai no trabalho dele durante as férias da escola e um dos pequenos recados dos quais estava incumbida era o de ir buscar materiais a uma gráfica com a qual ele trabalhava. Ora o nome da gráfica ficou-me da cabeça, e vem a propósito do assunto que quero falar. Chamava-se “Gráfica Duas Civilizações Lda”, um nome algo estranho para alguém que ainda está a aprender a escrever palavras complicadas na escola. A gráfica pertencia a uma família que, retrospectivamente, penso que tinha origem macaense, mas na altura eu não estava propriamente a procurar identificar a nacionalidade das pessoas e não fazia a mínima ideia do que era a Ásia. Tinha estudado Macau nas aulas, claro, porque ainda era no tempo em que se estudava que Portugal era “território continental, Madeira, Açores, Timor e Macau”, mas o que eram

realmente as “Duas Civilizações” a que o nome fazia referência?

Para haver duas é porque não é uma só, é porque a diferença entre uma e a outra é tão grande que mesmo qualquer justaposição nunca pode ser uma mistura ou uma fusão. Aquela ideia fascinava-me e confundia-me ao mesmo tempo... Enquanto esperava que me entregassem o pacote com cartões ou com calendários observava as máquinas grandes e sempre sujas de tinta que se podiam antever por uma porta aberta para as traseiras ou então olhava de olhos esbugalhados para as pinturas de paisagens e de caligrafia que enchiam as paredes da área (apertada) em frente ao balcão de atendimento. O rebuçado de gengibre que me davam sempre que eu ia lá buscar alguma coisa e o facto de eu não encontrar aquele sabor em mais lado nenhum naquela época também deve ter contribuído para eu nunca me ter esquecido da Gráfica Duas Civilizações Lda...

Uns bons vinte anos mais tarde a questão sobre que **duas** civilizações eram estas não podia ser mais central na minha vida. As voltas que a vida dá, não é ? Fazer investigação em Estudos Japoneses leva-nos inevitavelmente a compreender que muito da matriz cultural do Japão tem origem na China e que, apesar de muitos insistirem no que é “especificamente japonês” da cultura japonesa, a verdade é que muito mais é

“especificamente” da região compreendida entre China (e esferas de influência) - Coreia - Japão. Até porque a nação em si é historicamente um fenómeno recente (no caso do Japão considerada a partir da restauração Meiji) e a interdependência com a política e economia da região nunca desfizeram o bloco civilizacional e cultural do qual faz parte. Assim, se eu tivesse de responder àquela questão hoje, e depois de já ter visitado pelo menos o Japão e a China, diria que existe sim uma Civilização que é de fronteiras porosas tanto ao nível do território como da mentalidade e das pessoas, mas que é sem dúvida uma Civilização outra - com tudo o que isso tem de bom e de menos-bom - em relação ao que é a Civilização protagonizada pelo bloco Europa- E.U.A (que eu pessoalmente duvido que seja um bloco mas isso já é outra história...).

Toda a conversa sobre Globalização, sobre redes-sociais e sobre padronização de gostos e de comportamentos que tem invadido os artigos de opinião e alguns livros para o público geral parecem querer apagar isso, como se fossem profetas de uma qualquer homogeneização da população mundial. Isso é absurdo! As diferenças culturais sempre existiram - sempre, desde a pré-história - e sempre vão existir. Mesmo em contexto de Globalização e redes sociais a aparente correspondência de comportamentos têm significados muito diferentes entre um

contexto e outro, e portanto tem motivações e resultados para as pessoas envolvidas que correspondem às expectativas da cultura que incorporam e reproduzem. Um selfie não serve para o mesmo no Texas e em Kyoto, nem em Berlim ou Kumamoto.

Qualquer pessoa que tenha estudado extensivamente o Japão ou até mesmo a relação Japão-China-Coreia ou que tenha vivido algum tempo por razões de trabalho ou estudo nestes países poderá ter uma opinião sobre este assunto, e mesmo que essas opiniões não sejam coincidentes uma coisa será: são Duas Civilizações e não Uma quando estamos a falar do modo como se vive por estas bandas ou por aquelas. Às vezes as pessoas têm receio de soar a xenófobas quando apontam diferenças, ou então a confundir-se com uma perspectiva retrógrada, mas isso só existe quando a constatação da alteridade é acompanhada por uma hierarquização das ditas Civilizações, quando uma parece ser superior a outra, ou quando deixamos de perceber as porosidades e as interdependências. Na verdade a Identidade da própria Europa deve muito à construção de uma narrativa sobre ser uma civilização Diferente das outras e conotar essa diferença com uma implícita superioridade. Mas hoje não temos de pensar com as ferramentas de ontem! Analisar a alteridade, questionar as identidades nacionais ou trans-nacionais não é, nem tem

de ser, um exercício de neo-imperialismo, nem da parte do que se tem chamado “Ocidente” nem do outro lado. Isto é, o lado ser “outro” e as civilizações serem “duas” (ou “três” ou “quatro”) não é uma via de sentido único para o tabu da discriminação.

O sabor do rebuçado de gengibre era uma coisa de outro-mundo para mim que não sabia nada desse mundo tal como para muitas pessoas que vão ao Japão pela primeira vez hoje em dia lhes parece que aterraram noutro planeta se pouco ou nada sabiam do Japão. E não me parece que exista nenhum problema com isso, nem que deva ser tabu falar da surpresa da descoberta do que é diferente e do que provoca a sensação de “exótico” (que é sempre relativo). Aliás, muito frequentemente acabamos por desenvolver uma outra perspectiva sobre a cultura do nosso país ou região (Europa, Ocidente, etc) quando temos a oportunidade de lidar com essa outra Civilização que é o Extremo-Oriente, mesmo que não tenhamos propriamente na agenda o estudo académico da cultura japonesa ou chinesa ou coreana. A ideia mais benéfica que eu retiro do nome “Duas Civilizações” é assim a de observar atentamente **as duas**, de certo modo descobrindo que nós próprios somos o “outro” dos outros.

Observações: Este texto e todos os outros sob a designação “Ficheiros Secretos” expressam as minhas opiniões e experiências, e devem portanto ser considerados na sua subjectividade. Não é meu objectivo nestes textos apresentar resultados objectivos ou teorias consolidadas, e portanto alguns pormenores podem divergir da perspectiva de alguns leitores. Todos os comentários são bem-vindos, especialmente a partilha de experiências e estórias pessoais. O contacto da autora é

[umlongoveraonojapao@gmail.com](mailto:umlongoveraonojapao@gmail.com)

O Japão é fascinante, ter amigos japoneses é uma sorte, e espero que esta colectânea de “Ficheiros Secretos” abra a porta a mais portugueses com coisas para contar sobre o Japão e os japoneses.

Este texto, bem como os cinco primeiros capítulos da colectânea “Ficheiros Secretos”, foram redigidos em 2014. A autora não prescinde de todos os direitos de propriedade intelectual deste texto e dos outros textos da colectânea “Ficheiros Secretos”, pelo que estes não podem ser publicados ou reproduzidos no todo ou em partes sem a sua autorização expressa e por escrito.